

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA

RAFAEL POLARI DE ALVERGA KRITSKI

**“QUAL É A ESCOLA QUE A GENTE QUER?”: A OCUPAÇÃO ESTUDANTIL
NO COLÉGIO ESTADUAL COMPOSITOR LUIZ CARLOS DA VILA (2016)**

Niterói

2018

RAFAEL POLARI DE ALVERGA KRITSKI

**“QUAL É A ESCOLA QUE A GENTE QUER?”: A OCUPAÇÃO ESTUDANTIL
NO COLÉGIO ESTADUAL COMPOSITOR LUIZ CARLOS DA VILA (2016)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais, como requisito parcial para conclusão do curso e obtenção do grau Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora:

Prof.^a Dra. Alessandra Siqueira Barreto

Niterói

2018

RAFAEL POLARI DE ALVERGA KRITSKI

**“QUAL É A ESCOLA QUE A GENTE QUER?”: A OCUPAÇÃO ESTUDANTIL
NO COLÉGIO ESTADUAL COMPOSITOR LUIZ CARLOS DA VILA (2016)**

Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais, como requisito parcial para conclusão do curso e obtenção do grau Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em 17 de julho de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Alessandra Siqueira Barreto (orientadora)

Departamento de Antropologia – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof^a. Dr^a. Renata de Sá Gonçalves

Departamento de Antropologia – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof^a Dr^a. Rosana da Câmara Teixeira

Departamento de Educação, Sociedade e Conhecimento – Universidade Federal Fluminense (UFF)

AGRADECIMENTOS

Para não repetir por escrito os agradecimentos que fiz na conclusão do Bacharelado em Ciências Sociais (é claro, sigo grato a cada um e cada uma que está ali, que seguem fundamentais em minha construção profissional), me atenho a quem foi fundamental no processo específico de conclusão da Licenciatura. Um processo arrastado, doloroso em alguns momentos, mas no qual cruzei com pessoas incríveis a quem agradeço:

À professora Alessandra Barreto, por uma inesgotável paciência nos últimos dois anos, demonstrada em confiança e afeto em cada início de período em que eu retornava a procura-la dizendo: “agora, tem tudo pra dar certo”, e, dessa vez, acho que deu mesmo. Uma figura imprescindível no ICHF;

À professora Rosana da Câmara, pela preocupação genuína e incentivo incondicional nessa estrada;

À professora Renata Gonçalves, pelos tempos de Pibid e pela apresentação do tema das ocupações estudantis;

À Lucilia, ombro amigo, camarada e familiar; um exemplo de vida dedicada à educação, que me levou ao C.E. Compositor Luiz Carlos da Vila;

Aos jovens que se abriram para participar desse trabalho;

Aos muitos parceiros e parceiras do Pibid, entre 2012 e 2015;

À professora Tatiana, do C.E. Amaro Cavalcanti, com quem finalizei o estágio docente.

¡Que vivan los estudiantes!

Ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma luta, ou se dissociam do seu povo, e nesse caso, serão aliados daqueles que exploram o povo. (Florestan Fernandes)

RESUMO

O presente trabalho é um ensaio acerca da ocupação estudantil construída no colégio estadual Compositor Luiz Carlos da Vila, entre maio e junho de 2016, tendo como objetivo apresentar um balanço desse processo, a partir do relato de alguns dos estudantes ocupantes. O artigo pretende: situar a ocupação no contexto de mobilizações com o mesmo caráter; descrever a organização interna da ocupação e sua relação com o espaço escolar; identificar as narrativas dos interlocutores e tecer linhas de identidade entre eles; e apontar a relação da ocupação com a comunidade.

Palavras-chave: colégio estadual Compositor Luiz Carlos da Vila; ocupações de escolas; movimento estudantil;

ABSTRACT

That work is an essay about the school occupation made by students in the state school Compositor Luiz Carlos da Vila, between May and June of 2016, aiming to present a evaluation of this process, based on the reports of some of the occupant students. The article intends to: situate that occupation in the context of similar mobilizations; describe the internal organization of the occupation and its relation to the school space; identify the narratives of the interlocutors and weave lines of identity between them; and to point out the relation connection between the occupation and the community.

Key-words: colégio estadual Compositor Luiz Carlos da Vila; school occupations; student activism;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. COLÉGIO ESTADUAL COMPOSITOR LUIZ CARLOS DA VILA: UM BREVE HISTÓRICO.....	11
3. A CHEGADA AO CAMPO.....	13
4. A OCUPAÇÃO DO C.E. COMPOSITOR LUIZ CARLOS DA VILA.....	15
4.1. AS OCUPAÇÕES COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA.....	15
4.2. O CONTEXTO DAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS NO BRASIL.....	16
5. A CONSTRUÇÃO DO #OCUPACOMPOSITOR.....	19
5.1. O ESPAÇO ESCOLAR EM QUESTÃO.....	22
5.2. AS CONQUISTAS DA OCUPAÇÃO.....	24
6. QUEM SÃO OS ENVOLVIDOS? IDENTIFICANDO OS SUJEITOS E SUAS NARRATIVAS.....	26
7. A RELAÇÃO COM A COMUNIDADE.....	30
7.1. A REDE DE APOIO DA OCUPAÇÃO.....	30
7.2. CONFLITOS E TENSÕES.....	31
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto a ocupação estudantil ocorrida no colégio estadual Compositor Luiz Carlos da Vila, localizado no bairro de Manguinhos, na zona norte do município do Rio de Janeiro. A ocupação se deu no ano de 2016, entre os meses de maio e junho, inserindo-se na movimentação que tomou cerca de 70 escolas¹ no estado e incontáveis pelo país. O objetivo deste trabalho é apresentar uma avaliação do processo sócio-político, entrelaçando a escuta de alguns estudantes participantes com um recorte bibliográfico sobre o tema.

Investigamos as percepções sobre a ocupação a partir da escuta de três jovens, alunos do C.E. “Compositor”, como é chamado pela comunidade escolar, aos quais iremos nos referir como J.L., S.O. e J.A. Apesar da redação tardia deste artigo, as entrevistas foram realizadas em junho de 2016, três semanas após o término da ocupação na escola, apresentando um balanço do movimento no calor do momento e, consequentemente, resultando numa escrita muito próxima ao objeto.

A bibliografia utilizada foi escolhida a partir do programa da disciplina Antropologia e Educação III, cursada no primeiro semestre de 2016, a qual se debruçava de maneira ampla sobre as ocupações estudantis e dos movimentos sociais. Os eixos se debruçam sobre as identidades coletivas e o engajamento político juvenil e a caracterização do(s) movimento(s) estudantil(s). Foram selecionados os textos que mais se aproximavam com as questões pertinentes ao nosso objeto, tratando sobre categorias como jovens, juventude, território, identidade, espaço escolar, movimento estudantil e militância política (ALMEIDA, NAKANO, 2011; BRENNER, CARRANO, 2014; MENDES, 2015; MESQUITA, 2003, 2008; PAIS, 2011; SPOSITO, 2014). Posteriormente, foram adicionados alguns artigos redigidos entre 2016 e 2017, que também tratavam das ocupações estudantis (CATINI, MELLO, 2016; CORROCHARO, M. C., DOWBOR, M., JARDIM, F. A. A., 2018; MARTINS, 2018; MIRANDA, 2017). Além dessa bibliografia, foi consultado artigo monográfico apresentado para a conclusão de curso em Ciências Sociais – Licenciatura, no ano de 2016, que tinha como objeto o C.E. Compositor (CAMPOS, 2016).

¹ No pico das ocupações, em maio, os estudantes contabilizavam 76 escolas ocupadas, enquanto a Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC-RJ) estimava 67. Ver: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/alunos-de-escolas-ocupadas-protestam-no-rio.html>. Acesso em: 20/06/18.

O trabalho trará, primeiramente, um breve histórico do colégio estadual Compositor Luiz Carlos da Vila, apresentando a relevância do tema e as complexas particularidades dessa escola. Depois, apontarei como se deu minha entrada nesse campo de pesquisa. Posteriormente, o artigo localizará o contexto em que a ocupação do C.E. Compositor se insere, tanto no sentido da forma organizativa de ocupação, quanto à mobilização estudantil a nível nacional, ocorrida nos anos de 2015 e 2016. Então, nos debruçaremos sobre o processo histórico e político do *#OcupaCompositor*, como ficou conhecido, trazendo a construção de sua deliberação, a forma de sua organização interna e etc. e a relação com o espaço escolar; identificaremos alguns elementos dos sujeitos envolvidos e das narrativas que constroem; e, por fim, os conflitos e tensões decorrentes da ocupação.

2. COLÉGIO ESTADUAL COMPOSITOR LUIZ CARLOS DA VILA: um breve histórico

O bairro de Manguinhos, formado no fim do século XIX, passou por processos de urbanização variados em diferentes períodos, desde a formação do Parque Oswaldo Cruz, no início do século XX, passando pela ocupação das comunidades de Varginha, CHP2, Parque João Goulart e Vila Turismo, nos anos 40 e 50. Nos anos 90, são construídos os Conjuntos Habitacionais Nelson Mandela, Samora Machel e é ocupada a comunidade Mandela de Pedra e, mais recentemente, as comunidades de Nova Era (ou Embratel) e Vitória de Manguinhos. O colégio estadual Compositor Luiz Carlos da Vila foi inaugurado em 2009, a partir de investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A escola se inseriu num conjunto de obras urbanas no bairro oriundo do programa do governo federal, que ficou conhecido como “PAC-Manguinhos”, estimado em mais de 300 milhões de reais².

A escola foi construída no território anteriormente ocupado pelo Departamento de Suprimentos e Licitações (DESUP) do Exército, base militar que estava há muito desativada. Naquele espaço, foram construídas também a Biblioteca Parque de Manguinhos, uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), a Clínica da Família Victor Balla, a Casa da Mulher, a Casa do Trabalhador e o Centro de Referência da Juventude. Assim, o DESUP reunia uma série de dispositivos do poder público para a região, tornando-se a referência da intervenção do Estado para o conjunto de comunidades no entorno.

A inauguração da escola, em maio de 2009, contou com a presença do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de Dilma Rousseff, à época ministra-chefe da Casa Civil, prefeito Eduardo Paes, governador Sérgio Cabral Filho, e do vice-governador e secretário de obras do Estado, Luiz Fernando Pezão, atual governador do Rio de Janeiro. A escola continha um complexo esportivo, que reunia um ginásio com quadra poliesportiva, coberta, piscina olímpica e piscina infantil. A proposta era de que os espaços esportivos seriam abertos para a comunidade para curso de atividades.

Necessita-se abrir um parêntesis para se deter com mais detalhes sobre o parque aquático inserido no complexo esportivo da escola. Em fevereiro de 2008, um

² Disponível no portal do PAC: <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac/publicacoesregionais>. Acesso em: 20/06/18.

repórter do jornal Extra fotografou o menino Christiano Tavares, 10 anos, nadando em um vazamento de esgoto em Manguinhos. Sua foto viralizou, chegando às mãos do presidente Lula, que, quando da inauguração das obras do PAC Manguinhos, três meses depois, prometeu uma piscina para Christiano – a quem fez questão de conhecer durante o evento – e as crianças do bairro³. Dito e feito; porém, a integração da comunidade com o complexo esportivo nunca ocorreu de maneira continuada. A alegação, à época, era a ausência de salva-vidas.

Posteriormente, quando da inauguração do Conjunto Habitacional de Manguinhos, o jovem morador de Manguinhos, Leandro dos Santos, informou a Lula que o complexo esportivo seguia de portas fechadas, quando foi agressivamente interrompido pelo governador Sérgio Cabral. Cabral, violento, questionou as motivações do estudante, que conseguiu filmar o diálogo, amplamente divulgado nas redes sociais⁴.

Em 2015, Christiano, que ficara conhecido como “Lulinha” pelo episódio, faleceu sob suspeita de overdose, segundo o laudo do Instituto Médico Legal (IML). Em 2016, o colégio seguia com seu complexo esportivo fechado à comunidade, sendo o parque aquático, particularmente, nocivo à saúde da população. Além disso, passava por furtos noturnos de diversos objetos, desde janelas de alumínio a fios de cobre, como relatado pela professora de sociologia.

A questão do parque aquático do C.E. Compositor é um exemplo elucidativo de como a escola passara de uma “escola modelo” (CAMPOS, 2016) a uma “espécie de decepção coletiva, espécie de terra prometida que ‘recua na medida em que se avança em sua direção’” (BOURDIEU, CHAMPAGNE, 2000 apud CAMPOS, 2016, p. 8). A criação da escola, portanto, não correspondeu a apresentação de uma alternativa de acesso à educação a partir do poder público; mas, sim, configurava-se como uma expressão das “contradições, impasses e a crise profunda na qual está mergulhada a educação pública no Rio de Janeiro” (CAMPOS, 2016, p. 15).

³ Ver: <http://extra.globo.com/noticias/rio/lula-inaugura-obra-do-pac-em-manguinhos-assina-convenio-para-melhorias-no-dona-marta-230933.html#ixzz4GlvNc9Nq>. Acesso em: 20/06/18.

⁴ Numa rápida pesquisa, o vídeo conta com mais de 50 mil visualizações num link: https://www.youtube.com/watch?v=kfnhm_n-tg0; e mais de 500 mil em outro: <https://www.youtube.com/watch?v=DCVz76Ev2VM>. Acesso em: 20/06/2018.

3. A CHEGADA AO CAMPO

Conheci o C.E. Compositor Luiz Carlos da Vila em 2014, através de uma professora de sociologia da escola, amiga pessoal desde o ano anterior. Naquele ano, lá realizei o estágio da disciplina Pesquisa e Prática de Ensino I sob sua supervisão. Ali, conheci um pouco da história da escola e minha curiosidade foi despertada por suas contradições.

Retornei ao colégio algumas vezes entre 2015 e o primeiro semestre de 2016, para atividades do Levante Popular da Juventude, movimento popular de jovens de esquerda⁵, do qual era coordenador estadual à época. Fizemos algumas oficinas nesse período e, quando a ocupação teve início, o Levante se colocou para contribuir da maneira que fosse possível e necessária. Como já havia esse histórico, diferente de outras organizações que foram vistas como oportunistas na tentativa de participação do processo, o movimento foi legitimado a ser parte da rede de apoio e ainda de participar do cotidiano da ocupação. Particularmente, não estive entre os militantes que acompanhavam diretamente o processo, mas recebia repasses constantemente na instância de coordenação do movimento.

Concomitantemente, encerrava-se o período 2015.2, em que finalizei o bacharelado em Ciências Sociais, e iniciava 2016.1, em que me matriculei na disciplina Antropologia e Educação III, cujo tema era as ocupações estudantis. Naquele momento, visualizei que me debruçar sobre o #OcupaCompositor daria vazão à minha curiosidade científica sobre a escola e poderia resultar em trabalhos diferentes dos que já havia produzido entre Iniciação Científica (PIBIC) e Iniciação à Docência (Pibid), ambos voltados para os saberes docentes e formação profissional do professor de sociologia.

Optei por não me inserir no campo enquanto a ocupação estava acontecendo, já que não estive presente em seu início e isso poderia gerar desconfiança sobre mim. Estive na escola em algumas atividades abertas, mas não me identificando como pesquisador – apenas um apoiador. Avaliei que o momento posterior à ocupação, em que estudantes pudessem apresentar um balanço do processo, seria a melhor escolha. Então, após seu término, entrei em contato com a professora e com uma estudante – J.

⁵ Para mais informações: <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/06/acampamento-nacional-reune-7-mil-jovens-em-belo-horizonte/>. Acesso em: 20/06/18; <http://levante.org.br/blog/?p=1249>. Acesso em: 20/06/18; <http://www.leocustodio.com/site/?p=493>. Acesso em: 20/06/18.

L. – que conheci nas atividades do Levante, marcando uma visita em que esta fosse entrevistada por mim. Abri para J.L. a escolha de quem mais participaria da entrevista, e ela me apresentou a S. O., que participara da ocupação (mas não dormia na escola, pois sua família não permitia), e J. A., que apoiava o movimento, mas não esteve muito presente.

4. EM QUE CONTEXTO O #OCUPACOMPOSITOR SE INSERE?

4.1. UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA ÀS OCUPAÇÕES

Nos últimos anos, a categoria de “ocupação” entrou para a semântica da luta política progressista. À despeito de movimentos sociais de luta pela terra no Brasil utilizarem o conceito⁶ há algumas décadas, a palavra esteve associada à ação de dominação pela força por parte de contingentes militares (SALIM 2012 apud MIRANDA, 2017). Atualmente, porém, ocupação também significa a transformação de espaços, sendo associada à denúncia de injustiças e desigualdades (MIRANDA, 2017, p. 268).

Nos anos 90, a estratégia consensual de denúncia de exploração das riquezas naturais e injustiças sociais, de maneira geral, era refém da agenda dos grandes encontros diplomáticos ou de natureza privada. Na virada do século, contudo, as ocupações surgiram como uma alternativa, construindo experiências em comum de gestão do espaço e decisão democrática (MENDES, 2015, p. 24).

A passagem da defesa dos bens comuns (década de 1990) para a própria constituição direta do comum revela aspectos interessantes, em especial, a constatação de que essa forma de gestão é qualitativamente melhor e infinitamente mais democrática que a usual forma de conduzir os serviços públicos através da dicotomia público-privado, que alterna entre o Estado como provedor direto ou os vários modelos de descentralização para o mercado. As ocupações, ao contrário, se reapropriam dos serviços para torná-los, não estatais ou privados, mas *comuns*. (MENDES, 2015, p. 25, grifos do autor)

Mendes (2015, p. 22-23) identifica alguns elementos que auxiliam a compreender a ascensão da ocupação como estratégia de resistência global. O primeiro, de fundo material, é a alteração na composição social do trabalho, reverberando na composição da identidade entre as classes sociais; o segundo, derivado deste, é a reverberação em suas formas organizativas. Uma crise de representatividade, gestada durante décadas, entre projetos de transformação social e partidos sociais-democratas que, quando governo, aplicaram projetos econômicos neoliberais e, principalmente, promoveram dispositivos de controle dos movimentos sociais.

Não seria o caso de tratar o problema como uma simples e moralista ‘traição’, mas de perceber que tais partidos não são capazes, em regra, de exercer qualquer criatividade destinada a criar novos mecanismos de *welfare*

⁶ Alguns exemplos, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): <http://www.mst.org.br/nossa-historia/88-93/>. Acesso em: 10/07/18; e o Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN): <https://lutapelamoradia.wordpress.com/2010/07/28/mnlm/>. Acesso em: 10/07/18.

e novos direitos diante da virada material promovida pela reestruturação produtiva neoliberal. Por isso, parecem, ou perdidos diante da dicotomia entre neodesenvolvimentismo e neoliberalismo ou, então, aplicadores puro-sangue de uma gestão neoliberal e financeira da sociedade (MENDES, 2015, p. 22-23, grifos do autor)

A ocupação surge, então, como um encontro de multiplicidades para a gestão dessa potência conjunta (MIRANDA, 2017) em determinados territórios. Alguns exemplos notórios são o *OccupyWallStreet* (2011, Estados Unidos), a Revolução dos Pinguins (2006, Chile), a contraditória Primavera Árabe, em diversos países do Oriente Médio e no Norte da África, além de alguns exemplos brasileiros, como a Revolta do Buzu (2003, Bahia), a ocupação da Praça da Estação (2009, Minas Gerais) e os “rolezinhos” nos shoppings de grandes metrópoles (2014).

4.2. AS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS NO BRASIL

Necessita-se, antes de adentrarmos em como se deu a ocupação no C.E. Compositor, traçar um breve panorama das ocupações estudantis construídas entre 2015 e 2016 por todo o Brasil. Em setembro de 2015, o governo do estado de São Paulo anunciou um projeto de reestruturação da rede pública de ensino fundamental e médio. O plano, construído sem diálogo com a comunidade escolar, sustentava-se na diminuição de demanda por matrículas. Cerca de 100 escolas seriam fechadas, afetando mais de 300 mil alunos e alunas.

Em resposta ao governo, estudantes de algumas escolas iniciaram ocupações estudantis em seus colégios. O movimento apostou que a ocupação de algumas escolas poderia iniciar um processo em cadeia, atrapalhando uma reação do Estado (JANUÁRIO et al. 2016). Rapidamente, a proposta se alastrou para dezenas de escolas, passando de duzentas unidades em seu pico de mobilização⁷.

A movimentação tinha uma reivindicação imediata: a suspensão da reorganização. Porém, Catini e Mello (2016) propõem que o combate à dita reorganização representou uma afronta à afirmação da lógica mercantil e empresarial na gestão da rede pública de ensino. Tratava-se de um visível eufemismo para um receituário neoliberal, de sucateamento de serviços públicos com o propósito de justificar sua futura privatização, inserida também num contexto de ajustes estruturais

⁷ Ver: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/chega-200-o-numero-de-escolas-ocupadas-em-sp-diz-secretaria.html>. Acesso em: 06/07/18.

em que o Estado vinha diminuindo seus gastos com políticas sociais (CATINI, MELLO, 2016, p. 1181).

A onda das ocupações, então, se multiplicava e, a partir de sua luta específica, tornava-se uma forma subversiva ao poder de Estado constituído. Queiroz, Bortolon e Rocha (2017, p. 3-4) identificam um movimento de sincronização – em que há a interação entre dois ou mais fenômenos, que não pode ser percebida pela análise isolada, mas pelo seu conjunto – e emergência – em que estruturas simples geram resultados de maior complexidade –.

Martins (2018, p. 145) recorda que a educação e a organização – e, por que não, a “reorganização” – do sistema de ensino decorrem da estrutura de classes na sociedade capitalista. A escola, então, responde às necessidades da produção, sendo uma ferramenta de reprodução das desigualdades e de formação superestrutural da ideologia dominante.

A revolta dos estudantes, propulsora das ocupações, tinha uma oposição clara a esse projeto político; mas, além disso, representava também um questionamento à participação que lhes fora negada em relação a um processo que os afetaria diretamente. Martins (2018, p. 158) insere essa afronta numa tendência mundial de questionamento dos jovens em relação às formas tradicionais de hierarquia política, ensejando formas mais democráticas de participação. Mendes (2015, p. 25), por sua vez, ao tratar das particularidades nas ocupações no âmbito de instituições de ensino, aponta que possuem a potencialidade de romper com a tradição do aluno como figura passiva e obediente a ordenamentos verticais.

Cattini e Mello (2016, p. 1183-1184), ao comentarem a letra de uma paródia construída por estudantes ocupados em São Paulo⁸, destacam o horizonte político presente na letra. Na música, os ocupantes projetam o desejo por uma outra escola e se posicionam à esquerda e embaixo, em oposição à “tropa de choque” e ao “governo fascista”, à direita e acima, e falam a respeito do genocídio da juventude negra e pobre. É possível identificar, portanto, uma visão de mundo para além da pauta específica e defensiva em relação ao fechamento das escolas e uma educação política de viés classista (CATINI, MELLO, 2016, p. 1191).

⁸ Disponível no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=PqiHEh1ly6U>. Acesso em: 10/07/18.

Em uma perspectiva teórica diferente, que pode ser sobreposta, Miranda (2017, p. 266) conclui que as ocupações estudantis são compostas por diferentes identidades coletivas. Sua potência abarca movimentos sociais, como o feminismo, ambiental, antirracista, com movimentos culturais, como o hip hop e o funk. Catini e Mello (2016, p. 1182) recordam que a categoria de classe social não se refere apenas à descrição dum determinado grupo social, mas a emergência dum complexa teia de relações sociais, como a supracitada.

No Rio de Janeiro, em meio a uma nova greve dos trabalhadores da rede de ensino estadual, estudantes do Colégio Prefeito Mendes de Moraes decidiram ocupar sua escola, em 21 de março de 2016. Rapidamente, o processo se alastrou para dezenas de escolas de mais de vinte municípios do estado, tendo a internet como meio de propagação e compartilhamento de experiências. Queiroz, Bortolon e Rocha (2017, p. 11) identifica que estudantes de várias ocupações do estado apontaram o *whatsapp* como ferramenta imprescindível para a organização dos processos.

Muitas de suas reivindicações eram comuns: eleição direta para direção, fim da política de avaliações externas (SAERJ e “SAERJinho”), ampliação da carga horária de disciplinas como Sociologia e Filosofia – que contavam com apenas um tempo de aula na semana –, valorização dos trabalhadores da educação e reformas estruturais no espaço escolar (QUEIROZ, BORTOLON, ROCHA, 2017, p. 4). Uma dessas escolas foi o C.E. Compositor Luiz Carlos da Vila.

5. A CONSTRUÇÃO DO #OCUPACOMPOSITOR: A ORGANIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA POLÍTICA

A ocupação teve início em maio de 2016. Os entrevistados relataram ter feito uma série de atos por melhorias na escola, que não deram retorno, e então enxergaram a ocupação como o último recurso. S.O. contou que os estudantes deliberaram em assembleia própria a realização de outra com a presença do diretor; porém, este não os recebeu e nem permitiu sua entrada – e a resposta estudantil foi a ocupação. Questionada sobre qual teria sido o mote para a decisão de ocupar, S.O. reiterou que seria a falta de comunicação com a direção. J.L., por sua vez, adjetivou o diretor como autoritário e racista, além de identificá-lo com “uma pegada que não combinava com uma escola de periferia”.

Todavia, J.L. foi além. Apesar de localizar a oposição à direção como um mote fundamental, afirmou: “a gente deixou claro que não estávamos ocupando apenas pra ir contra a direção, a maneira que a direção estava no colégio”. Para J.L., era necessário não só se opor à direção em si, mas mudar a relação de poder na construção do espaço escolar: o corpo dos alunos deveria participar da construção da escola, em busca de “qual é a escola que a gente quer”.

Eu esperava muitas coisas da ocupação, pessoalmente. Eu esperava que a gente entrasse no colégio e ia ocupar as salas, pintar as salas, mudar a estrutura do colégio... o modo que os alunos iriam, quando voltasse, iriam ver, entendeu? A nossa percepção, no início, era essa. Pintar as salas, modificar a estrutura, colocar as portas no banheiro, privada, porque não tem. Fazer uma organização diferente do que o governo... fazer uma manutenção diferente do que o governo vem fazendo com as escolas, né, principalmente escolas de periferia, que praticamente são abandonadas e rejeitadas, né. (J.L.)

É possível visualizar, nas palavras de J.L., a insubordinação ao processo decisório do Estado sobre questões referentes à educação escolar. J.L. vincula a situação material da escola a uma determinada opção política destinada a escolas de periferia. A estudante Maria Beatriz Salustino, em artigo publicado no portal Brasil de Fato⁹, aponta sentido semelhante na ocupação:

Nossa ocupação tem como objetivo buscar melhorias pra escola e um meio de chamar a atenção do governo para todos os problemas que nossa escola vem enfrentando. Queremos que nossas reivindicações

⁹ Ver: <https://www.brasildefato.com.br/2016/05/13/artigo-enquanto-houver-descaso-vamos-seguir-ocupando-nossa-escola/>. Acesso em: 10/07/18.

sejam atendidas. Temos o direito de lutar por uma educação melhor e pelo nosso futuro. Não vamos nos calar diante de tantas injustiças e atrocidades cometidas pelo governo contra o povo pobre. Nós jovens somos a nova geração e queremos mudança.

Catini e Mello (2016, p. 1188-1189), apontam que a luta corresponde a um processo de formação política, em que os secundaristas tomam para si a responsabilidade pelo destino de seu movimento e por uma parcela de sua própria formação escolar. Na construção da ocupação, então, podemos visualizar como os estudantes saem dessa condição abstrata de estudante, que neutraliza sua potencialidade de ação e desenvolvimento, para a formação no sentido de uma determinada classe, inserida num conjunto de contradições (CATINI, MELLO, 2016, p. 1190).

Iniciada a ocupação, os estudantes tiveram acesso a salas que nunca haviam entrado e descobriram uma série de objetos escondidos. Livros didáticos guardados (enquanto o corpo discente carecia destes), alimentos perecíveis prestes a passar da validade, a bomba da piscina, a qual a direção da escola afirmava ter sido furtada, e até instrumentos musicais – até um piano de cauda. Durante a ocupação, então, os estudantes descobriram que uma parcela dos problemas que os afligiam encontrava solução ali mesmo; só lhes era escondido.

O processo organizativo, seguindo o exemplo das outras ocupações, era coletivo e horizontal. S.O. relatou que, à exceção de limpeza, que era um tarefa de todas e todos, o grupo se dividia em comissões. Comunicação, segurança, cozinha, infraestrutura. Dessa maneira, os alunos ocupavam e transformavam aquele espaço, executando uma parte das mudanças mais imediatas que desejavam, como conserto da parte elétrica, maçanetas quebradas, etc. Era um desafio aos fundamentos da instituição escolar como conheciam:

em sua forma e seus conteúdos a luta dos secundaristas pareceu experimentar, ainda que de maneira breve, uma crítica contundente a alguns pilares das instituições contra as quais se embatia: hierarquias; fragmentação do conhecimento; heteronomia; clivagem entre planejadores e executores; cristalização de funções; monopólio das informações, e assim por diante. (CATINI, MELLO, 2016, p. 1192)

A ocupação contava com uma programação, que era atualizada dia após dias. Aconteceram aulas de diversas disciplinas, oficinas de teatro, palestras, roda de samba, festa junina e uma feijoadá. J.L. relatou: “fazer atividade política, porque uma roda de conversa sobre feminismo, uma roda de conversa sobre a própria, sobre o racismo, são

rodas que influenciam na sociedade porque você tá criando o indivíduo, né, ou melhor tá acabando de formar”. Ou seja, as atividades desenvolvidas apontavam para a supracitada formação daquele coletivo de jovens em determinadas perspectivas, como classe, gênero, raça.

Apesar da deliberação em assembleia pela ocupação, nem todo o corpo estudantil foi favorável ao movimento. Particularmente, as turmas do turno da noite, pertencentes ao modelo da Nova Educação de Jovens e Adultos (NEJA). Brenner e Carrano (2014) recordam o alto índice de distorção idade-série no Brasil, provocado por repetências e evasões sucessivas. O formato da NEJA é uma das ferramentas que possibilitam o retorno desses alunos para o espaço escolar: portanto, para esse segmento, a aquisição de credenciais para galgar melhores posições no mercado de trabalho (BRENNER, CARRANO, 2014, p. 1230) tem maior urgência. Campos (2016, p. 28), em diálogo com uma professora do C.E. Compositor, corrobora o objetivo dessa parcela dos alunos ser a documentação que comprove seu grau de escolarização.

Durante a ocupação, um decreto judicial determinou a retomada das aulas nas escolas ocupadas. Evidentemente, uma manobra para desestabilizar a mobilização dos estudantes. Então, o C.E. Compositor passou por um duplo regime de gestão: de um lado, os professores grevistas e os ocupantes construindo suas atividades; do outro, os professores que furavam a greve lecionando às turmas que não aderiam à ocupação. Tratava-se de uma negociação e reformulação de forças dentro do espaço escolar (CAMPOS, 2016, p. 29).

Outro método de desmobilização por parte do Estado foi o corte do RioCard dos alunos. Assim, os alunos não poderiam se locomover das suas casas para a escola, tendo que arcar com o custo de seu transporte. Essa foi uma ferramenta eficiente, diminuindo o número de alunos ocupantes, mas também fortaleceu os vínculos de solidariedade e dedicação de uma parcela dos ocupantes:

Sem o RioCard a maioria deixou de vir pra ocupação e foi, aí começou realmente uma resistência, né, porque você que morava perto, você tinha que se deslocar pra cá sempre pra poder tá fazendo o máximo. E aí quem morava longe só podia vir nos fins de semana, quando o pai dava dinheiro ou então abria mão de festa e vinha pra cá pro colégio, né, fazer essas trocas. (J.A)

Um elemento relevante de experiência política que apareceu na entrevista com os três alunos foi a relação com o discurso veiculado na grande imprensa acerca das

ocupações. A experiência de visualizarem uma série de mentiras sendo contadas a seu respeito, chamando-os de vândalos, invasores, criminosos e etc., acendeu neles um questionamento maior sobre as narrativas criadas pela mídia e seu uso político.

Os jovens passaram a identificar que essas narrativas se voltavam não só para a situação específica dos estudantes, mas estigmatizavam determinados sujeitos: em especial o jovem, negro, da periferia. Levaram, então, esse questionamento também para suas famílias.

E [minha mãe] vê o repórter já com o olhar de “aquilo tá certo”, né, não é um olhar crítico. Tudo que passa na televisão tá certo. E aí quando a gente começou a fazer essa autocrítica, a gente começou a fazer lá em casa, até hoje minha mãe fala “já vai começar a política, cala a boca”, porque eu já começava assim: “mãe, você não tá vendo que isso é errado, mãe? Olha isso, de onde que o menino que estava com um saco de pipoca, estava com drogas, sabe, sabendo que isso é plantado. Você não tá vendo que isso é manipulado?” Ela: “ah, já tá vindo a política!”. (J.L.)

Um elemento fundamental, então, é a produção de contra-narrativas por parte dos estudantes (CORROCHANO; DOWBOR; JARDIM; 2018, p. 71). Em contraposição às narrativas vinculadas na grande imprensa, foram produzidos vídeos¹⁰, hospedados no *youtube* ou no *facebook*, para além da circulação nas outras redes sociais como o *whatsapp*. Nas versões construídas por eles, destacam-se a forte presença visual de meninas na linha de frente da construção, a divulgação de suas atividades, como as rodas de conversa, e a preocupação com o espaço escolar, que veremos a seguir.

5.1. O ESPAÇO ESCOLAR EM QUESTÃO

Primeiramente, é importante definir porque a escola deve ser compreendida enquanto um território; e o que se depreende dessa categoria analítica. Almeida e Nakano (2011, p. 119-120), apresentando o estado da arte acerca desse conceito, atenta para a principal armadilha: o território não pode ser compreendido como mero receptáculo das atividades humanas. Sugere, então, defini-lo como um sujeito cultural, como um meio humano construído historicamente, num processo permanente de indentização.

¹⁰ A página *Compositor em Luta*, anteriormente *OcupaCompositor*, no facebook, hospedou 18 vídeos durante a ocupação: https://www.facebook.com/pg/ocupacompositor/videos/?ref=page_internal. Acesso em: 10/07/18.

O território, então, é o “espaço imediato da vida das relações cotidianas sociais mais finas” (CARLOS, 1996, apud ALMEIDA, NAKANO, 2011, p. 119). O território é “algo pulsante” (SANTOS, 1996 apud ALMEIDA, NAKANO, 2011, p. 120) através do qual o mundo é empiricamente decodificado; se apresenta, por fim como “o *ponto de articulação* entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento” (CARLOS, 1996 apud ALMEIDA, NAKANO, 2011, p. 120).

Tratando-se de juventude escolarizada, a escola é o território privilegiado de sua sociabilidade. A escola é o local em que o estudante passa parcela considerável de seu dia e se relaciona com outros jovens, com adultos, figuras representativas do Estado, etc. A escola reúne as condições espaciais e temporais para a agregação de uma identidade coletiva enquanto cultura juvenil (MELUCCI, 2001 apud ALMEIDA, NAKANO, 2011, p. 117). Essa teia de relações sociais sobrepostas constrói uma totalidade complexa e particular, como lembram Catini e Mello (2016, p. 1186):

é preciso considerar que as relações sociais escolares compõem uma totalidade complexa, com outras incontáveis relações sociais especificamente capitalistas. Elas não se tornam inteligíveis, portanto, por meras analogias com outras formas de organização — como a fabril ou a prisional —, mas sim pela compreensão dos nexos que estabelecem com tais formas; e, por conseguinte, da totalidade contraditória em que aquelas relações são, ao mesmo tempo, produto e produtoras.

Então, devemos nos debruçar sobre a ocupação do C.E. Compositor enquanto uma disputa por esse determinado espaço escolar enquanto um território. J.L. afirmou: “essa pergunta: ‘qual é a escola que a gente quer?’” era uma pergunta que sempre ficava nas nossas mentes [...] não estávamos ocupando apenas para ir contra a direção [...] a direção é apenas uma representação”.

A ocupação visava a transformação do território, portanto. Não à toa, na produção de suas contra-narrativas, reafirmavam seu cuidado com o espaço, ressaltando a limpeza e organização; maiores do que nos tempos de funcionamento normal da escola. Miranda (2017, p. 276) identifica “uma luta simbólica no sentido da desterritorialização dos sentidos negativos associados ao movimento” e aponta essa ligação entre os espaço físico, territorial, da ocupação, e a disseminação de suas ideias nos espaços de fluxos, na internet (2017, p. 277).

Provavelmente, o maior símbolo da ressignificação do espaço escolar foi a nomeação da *sala do estudante*. Durante a ocupação, quando tiveram acesso a todas as chaves do colégio, descobriram uma sala trancada em completo desuso. Os estudantes deliberaram, então, transformar essa sala num espaço seu, que reúne a identidade dos estudantes (como a sala dos professores reúne os professores e daí por diante) pela primeira vez num determinado local. Desde então, exerce o papel de aglutinador das movimentações estudantis, concentrando suas reuniões, guardando jogos para diversão, etc. Essa sala simboliza uma relativa independência dos estudantes em relação à forma organizativa da escola, como aponta S.O:

A gente fica lá, tenta bolar alguma coisa pra poder juntar mais a comunidade com a escola [...] e lá na sala do estudante, quem quiser, tipo assim, não tem aula, lá tem alguns jogos pra eles poderem jogar... não ficar à toa, sem fazer nada. [...]tem muita gente que quer matar aula pra ficar lá, aí a gente fala o que, não, não pode, entende. [...] Lá também tem algumas reuniões. Ainda tem as nossas comissões, entendeu. Tem do PPP, tem da comunicação, tem da cozinha, da estrutura, e tal, aí a gente faz as nossas reuniões lá, pra gente não ficar enchendo o saco dos outros :“a gente pode entrar aqui pra fazer nossa reunião?”. A gente já faz lá na nossa sala, entendeu. (S.O)

5.2. AS CONQUISTAS DA OCUPAÇÃO¹¹

Os estudantes entrevistados relataram algumas das conquistas obtidas com a ocupação de sua escola. Destacam-se a eleição de uma nova diretoria, legitimada pelos estudantes ocupantes, a organização do grêmio estudantil, a sala do estudante, as pequenas melhorias estruturais construídas durante o processo e o início da construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

J.L. visualiza a ocupação como uma etapa num processo constante de mobilização em torno da disputa por uma escola voltada para esse sujeito: o jovem da periferia. Para além das vitórias concretas, portanto, ressalta a importância da ocupação como um pontapé na construção de um olhar crítico por parte do corpo discente e de sua organização interna. Martins (2018, p. 163) afirma que as ocupações revelam um fazer político entre os jovens das classes populares, em busca de participação mais direta e horizontal, em meio ao acirramento da luta de classes.

¹¹ Não adentraremos na discussão acerca das conquistas do movimento das ocupações em todo o estado para não ultrapassarmos o escopo deste artigo. Relataremos apenas aquelas identificadas como vitórias específicas da ocupação no colégio estadual Compositor Luis Carlos da Vila.

É uma luta que vai ser árdua, vai ser constante. Acredito que a ocupação aqui nesse colégio valeu a pena por isso, foi um passo pra política ser aplicada, né, e agora é um momento de a gente tentar canalizar isso pra um lado bom da coisa, que é fazer sim o grêmio, que é organizar os alunos de acordo com a sua identificação, seja ela sendo uma identificação de mais horizontalidade, né, sem uma autoridade [...] E aí o que eu penso, como cidadã, como estudante do Compositor, como moradora de Manguinhos: que o que vai mudar mesmo é a revolução da galera, sabe. A revolução popular, a galera do morro descendo e falando (J.L.)

6. QUEM SÃO OS ENVOLVIDOS: IDENTIFICANDO OS SUJEITOS E SUAS NARRATIVAS

Nesta seção, pretendo destacar alguns elementos de identidade entre os três entrevistados: J.L., J.A. e S.O. Os três entrevistados falaram um pouco a respeito de si, sua história de vida e seu reconhecimento durante a ocupação da escola. A partir de suas narrativas, podemos compreender um pouco como se portam esses três jovens que foram os interlocutores para a construção do trabalho.

Em momento anterior do texto, tratou-se de como a ocupação consigna uma gama de múltiplas identidades em seu espaço. Apesar de serem três jovens, estudantes de uma mesma escola, isso não condiciona que tenham visões de mundo que caminhem num mesmo sentido. Corrochano, Dowbor e Jardim (2018, p. 51) afirmam a respeito da juventude:

É a possibilidade de partilha de experiências e vivências comuns que ganha centralidade na definição de uma geração e não o tempo cronológico ou o nascimento no mesmo momento histórico. Desse fato, no entanto, não se pode derivar a necessidade de orientações e posicionamentos comuns.

Entre os três jovens, portanto, há particularidades e mesmo divergências. J.A., menos comunicativo na entrevista, não falou muito de si. Sua família teve postura contrária a sua participação na ocupação, o que ainda foi dificultado pela questão material: com o RioCard bloqueado, ele, que morava longe da escola, não tinha como se deslocar: “minha mãe queria que eu nem metesse o pé aqui! Ela falou: ‘se eu te vir na televisão, eu vou tirar sua camisa fora’. Eu falei: ‘mãe, tem nem como eu ir, o cartão tá bloqueado, já moro longe’, porque eu moro em Thomaz Coelho, então pra mim fica bem difícil...”.

S.O. relatou um pouco de seu amadurecimento pessoal a partir da ocupação. Destacou como esse processo foi importante para se colocar em público, expor suas ideias para os outros e perder a vergonha:

Eu aprendi a ter menos vergonha, porque eu era muito envergonhada... eu, tipo assim, não conseguia falar em público, aí eu perdi um pouco desse medo... é, eu aprendi muita coisa com outras pessoas, aprendi palavras novas que eu não sabia, aprendi a ter mais diálogo com as pessoas.

Podemos associar essa fala de S.O. à importância de jovens meninas como figuras públicas da ocupação. S.O. comentou sobre seus aprendizados na ocupação também se referindo ao conteúdo normativo escolar, como as “palavras novas”, ressaltando como a metodologia da ocupação fazia com que ela tivesse mais interesse pelo estudo:

Agora, tipo, com estudo, eu acho meio chato, porque antes os aulões que a gente marcava eram muito mais interessantes que os nossos estudos, sabe. A gente aprendia muito mais... aí, agora, não tem, sabe? Não é a mesma coisa. Era muito bom. Agora tá meio chato, assim... (S.O)

Quando questionada sobre o que pretendia fazer após se formar na escola, S.O. colocou seus desejos em perspectiva e em oposição ao que lhe era projetado no seio familiar, representado por sua mãe. S.O. disse não saber o que gostaria de cursar na universidade, mas que tinha o desejo de fazer algum curso de fotografia: a jovem gostava de fotografar e queria obter mais conhecimento técnico. Sua mãe, contudo, projetava sobre a filha um curso de administração ou de língua estrangeira. Brenner e Carrano (2014, p. 1238), comentam sobre o embate entre o campo de desejos dos jovens para além da escola, como um campo formativo externo:

Estas se constituem em movimentos dos próprios jovens em busca da realização de seus gostos e motivações. O conjunto dessas atividades conforma um campo formativo não escolar que é, em grande medida, desconhecido pela escola e cujas lógicas, não raras vezes, entram em confronto.

Após a ocupação, S.O. passou a reconhecer que confrontar a mãe era uma possibilidade: “aí eu falo: ‘mãe, eu tenho que fazer alguma coisa que eu me sintam bem, porque se eu fizer disso, vou estar cagando, entendeu?’”. Todavia, sua mãe se impunha pela questão material e, desde o início daquele ano, S.O. tinha de cuidar de uma prima mais nova – que frequentou a ocupação com S.O. –, num trabalho que supus não ser remunerado, mas uma exigência para que a mãe da criança pudesse utilizar aquelas horas para trabalhar (esta, sim, remunerada).

Essa condição de S.O. expressa uma singularidade da condição do jovem pertencente às classes mais desfavorecidas na contemporaneidade. Trata-se da dupla condição de estudante e trabalhador, mas numa condição de trabalho que absorve seu tempo que seria dedicado ao processo formativo e sem reconhecê-lo como trabalho efetivo, numa jornada que não é formalizada. Mendes (2015, p. 28-29, grifos do autor) sintetiza:

O estudante, preso nas exigências de uma formação permanente e multifacetada, não ocupa mais aquela posição intermediária entre o mundo infanto-juvenil e o mundo do trabalho. Ele carrega em si a própria figura do *trabalhador contemporâneo*. [...]

A arquitetura física do panóptico e seu efeito de vigilância se desmaterializa e é internalizada como culpa, como exigência sobre si cada vez mais severa, como infinita busca, através de vários “bicos” ou “tramos”, por uma renda que possa cobrir o custo de vida e por atividades que possam engordar o currículo. A produção do estudante endividado permite o gerenciamento (controle) de um trabalho que não se expõe mais aos agentes de disciplina, com seus relógios sempre afiados, mas que percorre e acompanha a vida como um todo, fazendo parte da própria subjetividade que se produz.

Perguntada sobre o interesse em política após a ocupação, S.O. disse que nunca gostou e isso não mudou muito. A jovem apontou que aprendeu sobre alguns de seus direitos, entendeu um pouco o funcionamento do Estado – especialmente sobre o funcionamento do governo do Estado e da SEEDUC –, mas sem entusiasmo por participação. Corrochano, Dowbor e Jardim (2018, p. 51) lembram-se do descontentamento com os mecanismos de participação da institucionalidade do Estado e da desconfiança em relação à política partidária e seus canais, o que pode ser corroborado por sua fala: “política”, para a estudante, significa a democracia político-partidária.

Corrochano, Dowbor e Jardim (2018, p. 66), em seu artigo, estão debruçadas sobre as alternativas de participação para os jovens no século XXI. A partir de estudos empíricos, identificam que o potencial de adesão da juventude aumenta consideravelmente quando as perguntas se direcionam sobre movimentos organizados por temática, que se mobilizam por direitos, e cuja estrutura tem um nível de concretude territorial. Podemos conectar às respostas de S.O., que não se interessa pela política formal, que não enxerga em seu cotidiano, enquanto, por outro lado, participou ativamente da ocupação estudantil, uma forma organizativa temática e de territorialidade específica.

J.L., por sua vez, construiu a narrativa mais incisiva sobre participação política. J.L. identificou-se como jovem favelada e negra e apontou a luta por direitos como uma necessidade para quem tem sua condição social. Sua mãe foi favorável à participação na ocupação a jovem relatou que no ambiente familiar a luta por direitos sempre foi um mote:

A minha mãe, no começo ela foi super a favor: “não, pode ir, pode ir”, mas depois ela começou a ver a própria marginalização que a Globo estava fazendo da gente, que a gente: “vândalos quebraram isso, quebraram aquilo”, e aí começou a trazer: “não tem nem aluno na escola”, começou a trazer uma insegurança pra ela, começou a falar

“não, você não vai”, mas aí sempre foi tudo na conversa, ela sempre foi consciente que tudo que a gente pensa, na vida a gente tem que lutar, então, se não for pelo meio da luta, a gente já é da favela, já é negro, já é marginalizado por nascer na favela... Então se a gente não lutar por nada, não sei quem vai fazer pela gente. (J.L.)

J.L., em trechos citados anteriormente no corpo do texto: 1) expressou que tinha expectativas prévias sobre como seria a ocupação; 2) vinculou a ação política do Estado às tentativas de desarticulação das ocupações; 3) enumerou as conquistas da ocupação e conectou sua construção a um processo político mais amplo. Apesar de a ocupação ter uma metodologia de construção horizontal, sem instâncias de direção em sua organização ou cargos, na falta de expressão melhor, identifiquei J.L. como uma liderança.

No dia entrevista, inclusive, tive muitas dificuldades de realizá-la, pois ela era demandada por outros estudantes, procurada pelos professores grevistas para o diálogo, etc. J.L. é uma jovem estudante, que construiu a ocupação do C.E. Compositor Luiz Carlos da Vila, mas vai além: só enxerga uma saída pela construção do pensamento crítico que acarrete numa “revolução popular” contra os “donos do poder”:

Eles já fazem a gente não pensar. A gente já é formado um ser humano que não tem auto-crítica. Ele já tá ali alienado, pra ele ser orquestrado pelos manipuladores, né... Que é a mídia, por trás da mídia você vai encontrar os empresários, por trás dos empresários, você vai encontrar uma máfia que tá, assim, a gente não tem nem noção que exista, né. É uma coisa bem louca.

7. A RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

7.1. A REDE DE APOIO

No início deste trabalho, descrevemos como uma das premissas da construção do C.E. Compositor era de que seria um espaço a ser utilizado por todas e todos os moradores da região, especialmente seu complexo esportivo. Segundo J.L. a “integração da comunidade com a escola” era uma das principais pautas da ocupação.

É necessário destacar que a palavra utilizada para caracterizar os sujeitos externos à escola foi “comunidade”, nas entrevistas, quando se referiam a conexão destes com o espaço escolar. Pais (2011, p. 249) recorda a tipologia de Weber, em que “sociedade” designa a relação social construída por ações racionais relativas a fins, numa soma de interesses objetivos, enquanto “comunidade” remete a sentimentos subjetivos e ações afetivas. Podemos identificar nas palavras dos ocupantes o desejo de construção por esse tipo de relação.

A ocupação inseriu em sua programação momentos específicos que tinham a integração com a comunidade como o mote central. O principal deles foi uma feijoada, que visava apresentar a ocupação como uma gestão viva do espaço escolar, que poderia ser comum a todos.

Uma das pautas da ocupação foi a integração da comunidade com a escola. A escola praticamente era um espaço abandonado, a comunidade não via mais um espaço pra futuro, pra diversão, pra aprendizado. Ela apenas via como um prédio público largado. E aí quando a gente fez a feijoada, a gente fez no intuito de chamar a galera, tanto os moradores de Manguinhos, como os moradores de outras regiões daqui do Rio de Janeiro pra eles poderem vir, conhecer a escola, abrir as portas e tudo mais. A feijoada foi um sucesso, teve a roda de Benfica, teve a Dorina, que foi uma das cantoras que foi uma das amigas do Compositor Luiz Carlos da Vila. (J.L.)

Outro êxito dessa feijoada foi o início de uma parceria com o Sindicato dos Servidores da Ciência, Tecnologia, Produção e Inovação em Saúde Pública (Asfoc-SN), que representa o sindicato dos trabalhadores da Fiocruz. A Asfoc mediou relação com a Fiocruz, que forneceu bomba nova para piscina e tratamento de sua água, que, abandonada como estava, se tornara foco de mosquitos transmissores de doenças.

Gestou-se, portanto, uma rede de apoio à ocupação. Foram identificados nessa rede movimentos sociais, como o Levante Popular da Juventude, artistas, como o cantor

Tico Santa Cruz, que gravou vídeo em apoio, e o bloco de carnaval Orquestra Voadora, que realizou uma apresentação e outros parceiros mais ou menos informais. Miranda (2017, p. 272), afirma que as ocupações vislumbram superar a “maneira vertical como se decidem as coisas”, mas reconhecem a necessidade de laços de apoio, desde que esses não se sobreponham aos interesses dos ocupantes. Martins (2018, p. 160, grifos do autor) chega a uma conclusão similar:

Estas questões indicativas de uma prática democrática nas ocupações são reveladoras de processos de aprendizados que, embora não se resumam apenas às experiências nas ocupações, têm nestas um momento fundamental para o fazer político dos jovens das classes populares à medida que 1) os coloca em um coletivo: *‘porque a gente questionava as paradas e de repente a gente se uniu por uma causa maior’*; *‘Caramba a gente não está sozinho, têm muitos estudantes junto com a gente’*

A relação com a comunidade possui esse aspecto positivo, portanto: construiu-se uma rede de apoio e os ocupantes foram exitosos em transmitir sua contra-narrativa à comunidade, aproximando-os de algumas de suas atividades e isolando a ideia de que seriam “vagabundos” ou “vândalos”. Porém, para J.L., a ocupação não conseguiu realizar sua “principal pauta, que era a integração”, tendo em vista a não realização de reformas estruturais na escola. A piscina continuou interditada, os portões fechados, a sensação de insegurança seguiu. A relação construída com a comunidade, então, poderia rapidamente se esvaír novamente.

7.2. CONFLITOS E TENSÕES

A ocupação do Compositor não passou por situações de confronto aberto, como ocorreram em diversas escolas ocupadas do Rio de Janeiro. O movimento chamado de *desocupa*, que reunia jovens descontentes com o método da ocupação em diversos colégios (muito falava-se em articulação com as diretorias das escolas e com grupos de crime organizado), que convocavam para tentativas forçadas de desocupação em colégios, não atuou no C.E. Compositor. Segundo J.A., havia alunos que queriam desocupar, mas sua atuação ficou restrita a reclamações nas redes sociais.

Falamos anteriormente sobre a relação com os alunos do turno da noite. A maioria era contrária à ocupação e fez questão de seguir com as aulas regulares daqueles professores que não aderiram à greve. Esse regime misto era marcado pela disputa do

espaço escolar, em que o diretor eleito durante o processo ficou fragilizado perante os alunos da NEJA, mas a tensão nunca se transformou em conflito declarado. Esse segmento dos estudantes não fez qualquer movimentação de se somar aos estudantes que cogitaram desocupar o colégio.

A comissão de segurança fazia rondas na escola durante a noite, para se precaver de tentativas de assalto ou de reintegração de posse. J.L. relatou algumas situações de tensão com policiais, mas que não resultaram em embate: “No início da ocupação a gente sofreu muita retaliação da polícia, a polícia chegou a circular aqui pela área, chegou a invadir o colégio, quatro policiais à noite...”. As provocações da polícia, no entanto, também não resultaram em confronto.

Entre os professores, a tensão foi significativa. Aqueles que participavam de atividades da programação da ocupação eram constantemente acusados de incitarem sua existência e continuidade, em processo de criminalização por parcelas do corpo docente e de outros segmentos.

Campos (2016, p. 30-31) relata que os funcionários da limpeza não reagiram bem à quebra de hierarquia. S.O. não se referiu a esse segmento, especificamente, mas relatou que nas semanas seguintes ao final da ocupação, uma série de funcionários fizeram o possível para deslegitimar os estudantes ocupantes, desde duvidar sobre a potencialidade real das conquistas quanto calúnias desferidas:

Ultimamente tá fazendo de tudo pra o diretor vir brigar com a gente. Tipo, tem aluno, com certeza, que bebe bebida alcoólica, né, aí chegaram pro diretor e falaram que a gente estava bebendo na sala do estudante e isso é mentira. Aí o diretor veio brigar com a gente. Aí encontraram lata de cerveja lá na frente e falaram que era a gente, sendo que era mentira. Tudo pra implicar, sabe, aí fica meio chato, entendeu... [...] alguns funcionários daqui não gostam da gente, não gostam. Então eles ficam implicando, entendeu, e também tem alguns alunos, que são até amigos meus, que ficam falando, também, tem professor que fica, sabe, debochando, falando que: “ó, ocupou, não adiantou de nada e não sei o que...”

Campos (2016, p. 31) considera que a escola reproduz o tratamento de marginalização destinado aos jovens negros e periféricos na sociedade. Esse período posterior à ocupação, então, expressava um rearranjo na correlação de forças entre os diferentes grupos sociais presentes no espaço escolar, marcado pela tensão entre a estigmatização dos ocupantes e o emponderamento destes perante o poder institucional da escola e os segmentos contrários à ocupação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não pretende elaborar conclusões assertivas acerca do processo de ocupação do Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila; suas limitações, aliás, não o permitiriam. Esboçamos um trabalho descritivo sobre sua construção, localizando-a num determinado contexto histórico e territorial e conectando-a a mobilização de ocupações estudantis que aconteceram por todo o Brasil. Vinculamos uma bibliografia de referência – que contava com diferentes matizes teóricas – para adensar o relato dos três estudantes ocupantes entrevistados, que foram os interlocutores fundamentais para a descrição e balanço da ocupação do C.E. Compositor.

Porém, esse ensaio permite o esboço de algumas conclusões parciais. Primeiramente, evidenciou-se que a forma *ocupação* tornou-se um referencial para a luta progressista a nível mundial e local, contando já com um léxico próprio, estrutura organizativa comum e ferramentas de propagação de suas narrativas.

Posteriormente, demonstrou-se que as ocupações escolares não foram fenômenos tópicos, isolados, mas estiveram inseridas numa determinada conjuntura política, como resposta a políticas imediatas, como o fechamento de escolas em São Paulo, mas como uma ferramenta descoberta para enfrentar a crescente política de Estado de sucateamento e precarização dos serviços públicos.

O trabalho descritivo do processo organizativo do #OcupaCompositor e da narrativa dos sujeitos envolvidos nos possibilitou determinar como o C.E. Compositor passou de “‘Escola modelo’ do PAC à escola ocupada” (CAMPOS, 2016). Evidenciou-se um conjunto de contradições do colégio: a escola que se projetara na inauguração era um simulacro de uma realidade invertida. A escola não reunia nem as condições mínimas para o ensino regular, quanto mais para um espaço de integração com a comunidade em processos educativos mais amplos.

Pudemos, enfim, identificar como a ocupação do C.E. Compositor foi um processo de formação política para esses jovens estudantes. Os ocupantes se enxergaram enquanto sujeitos de uma determinada classe social, atravessados por diversas condicionantes em sua vida material e simbólica, e apontaram a luta pelos seus direitos como alternativa de vida. Passados dois anos, é tempo de buscar as marcas desse processo no espaço escolar e no prosseguimento da vida dos sujeitos envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Elmir de; NAKANO, Marilena. Jovens, territórios e práticas educativas. *Revista Teias*, v. 12, n. 26, p. 115-130, set.-dez. 2011.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes. *Educ. Soc., Campinas*, v. 35, n. 129, p. 1223-1240, out.-dez., 2014.

CAMPOS, Leandro Lopes. O Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila de “escola modelo” do PAC à escola ocupada: contradições, lutas e possibilidades de uma nova gestão do espaço escolar a partir do movimento dos estudantes. Artigo Monográfico. Universidade Federal Fluminense, 2016.

CATINI, Carolina de Roig; MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti. Escolas de luta, educação política. *Educ. Soc. Campinas*, v. 37, n. 137, p. 1177-1202, out.-dez., 2016.

CORROCHARO, M. C.; DOWBOR, M.; JARDIM, F. A. A.. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes?. *Laplage em Revista*, v. 4, n. 1, p. 50-66, jan.-abr., 2018

JANUÁRIO, A. *et al.* As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. *Fevereiro*, v. 9, p. 35-76, abr. 2016.

MARTINS, Suely Aparecida. O fazer político dos jovens das classes populares: as ocupações estudantis paranaenses. *Revista pedagógica*, v. 20, n. 43, p. 143-167, jan.-abr., 2018.

MENDES, Alexandre F. Ocupações estudantis: novas assembleias constituintes diante da crise? *Revista Lugar Comum*, n. 45, p.16-41, 2015.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 66, p. 117-149, 2003.

_____. Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 81, p. 179-207, 2008.

MIRANDA, Danielle. Ativismo digital e novos sujeitos dos discursos: a narrativa do movimento “Ocupa Escola” no Facebook. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, v. 4, n. 2, p. 265-279, 2017.

PAIS, José Machado. Grupos e afiliações sociais. *Revista Teias*, v. 12, n. 26, p. 247-286, set.-dez., 2011.

SPOSITO, Marília. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (orgs.). *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais*, p.97-130. Niterói: EdUFF, 2014.

ARTIGOS DE JORNAIS, REVISTAS E BLOGS

BRASIL DE FATO. Acampamento Nacional reúne 7 mil jovens em Belo Horizonte. <<https://www.brasildefato.com.br/2016/09/06/acampamento-nacional-reune-7-mil-jovens-em-belo-horizonte/>>. Acesso em: 20/06/18

BRASIL DE FATO. Artigo: enquanto houver descaso, vamos seguir ocupando nossa escola. <https://www.brasildefato.com.br/2016/05/13/artigo-enquanto-houver-descaso-vamos-seguir-ocupando-nossa-escola>>. Acesso em: 10/07/18.

EXTRA. Lula inaugura obra do PAC em Manguinhos e assina convênio para melhorias no Dona Marta. <<http://extra.globo.com/noticias/rio/lula-inaugura-obra-do-pac-em-manguinhos-assina-convenio-para-melhorias-no-dona-marta-230933.html#ixzz4GIvNc9Nq>>. Acesso em: 20/06/18.

G1. Alunos de escolas ocupadas protestam no Rio. <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/alunos-de-escolas-ocupadas-protestam-no-rio.html>> Acesso em: 20/06/18.

G1. Chega a 200 o número de escolas ocupadas em SP, diz secretaria. <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/chega-200-o-numero-de-escolas-ocupadas-em-sp-diz-secretaria.html>>. Acesso em: 06/07/18.

LEONARDO CUSTODIO. Acampa do Levante: a experiência que toda(o) jovem deveria ter. <<http://www.leocustodio.com/site/?p=493>>. Acesso em: 20/06/18.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. Carta compromisso do 3º Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude. <<http://levante.org.br/blog/?p=1249>>. Acesso em: 20/06/18

MATERIAL AUDIOVISUAL

FACEBOOK. Compositor em luta. Momento em que ocuparam o colégio. #OcupaCompositor #Ocupatudo. <<https://www.facebook.com/ocupacompositor/videos/1583278831984654/>>. Acesso em: 10/07/18.

FACEBOOK. Compositor em luta. <<https://www.facebook.com/ocupacompositor/videos/1596341620678375/>>. Acesso em 10/07/18.

YOUTUBE. Sérgio Cabral xingando garoto de 17 anos. <https://www.youtube.com/watch?v=kfnhm_n-tg0>. Acesso em: 20/06/18.

YOUTUBE. Lula e Sergio Cabral gravados por um garoto da periferia.
<https://www.youtube.com/watch?v=DCVz76Ev2VM>. Acesso em: 20/06/18.

YOUTUBE. <<https://www.youtube.com/watch?v=PqiHEh1ly6U>>